

9 JUL 1981

Governo perdeu controle da economia, diz Furtado

Recife — O economista Celso Furtado disse ontem, em entrevista nesta capital, que o governo perdeu praticamente o controle da situação econômica e não dispõe de meios de ação sobre a economia, "nem no plano monetário, nem no plano cambial, nem no plano fiscal".

As políticas seguidas nos anos anteriores, na sua opinião, paralisaram progressivamente o governo, "que no momento presente segue a conjuntura internacional e responde apenas às pressões que se geram dentro da economia".

Explicou que a inflação é uma manifestação de desordem, de descontrole da economia.

— Ela é o reflexo de muitos fatores que atuaram em momentos diferentes no tempo — acrescentou — você perde o controle hoje, toma uma série de medidas improvisadas e aí perde mais controle amanhã. E continua improvisando. Neste sentido é que a inflação pode se tornar uma desordem. Ela não está na economia, está muito mais naqueles que controlam a economia e que não estão em condições de prever e de atuar sobre o conjunto da economia.

Sobre a política de exportação, Celso Furtado disse que o governo, atualmente, não trata de pagar a dívida externa e usa a estratégia de administrá-la, continuando, assim, terá que se endividar. "Essa dívida quer dizer que o governo conseguiu dinheiro para pagar o que deve a curto prazo, endividando-se mais para o dia de amanhã. A exportação, evidentemente, é um aspecto fundamental de toda uma po-

lítica de reequilíbrio da economia do Brasil, que está desorganizada com endividamento externo sensível e por uma insuficiência de capacidade para importar".

DEFICIT

O Brasil — continuou — simplesmente para pagar as importações necessárias, essenciais, necessita mais do que exporta. Hoje em dia estamos nesta situação estranha de que não exportamos sequer o necessário para importar o essencial. Por isso é que temos um déficit de balança comercial. Esse é um dos pontos a considerar.

— Mas não se trata apenas de exportar de qualquer forma. Trata-se, também, de modificar estruturalmente a economia para que ela possa viver com menos importações. Não digo substituição de importação pela maneira antiga. E preciso que a economia brasileira hoje em dia se acomode a um nível diferente de inserção no comércio internacional, em que os custos e divisas devem ser muito mais altos nos setores que pesam sobre o balanço de pagamentos.

— Portanto — concluiu — isso é uma coisa também de política de câmbio, é um problema de orientação dos investimentos. Finalmente, diz respeito a toda uma verdadeira reconstrução da economia, que está deformada com uma tendência de importar muito mais do que ela pode pagar. E ela foi por esse caminho, com endividamento fácil e crescente que hoje em dia já onera gravemente o país, inclusive imobiliza o governo, pois o governo se dedica apenas ao essencial".